

Tapete vermelho para importadores

Com a demanda interna grudada no PIB (Produto Interno Bruto) com viés de baixa este ano, o setor de biscoitos cava meios de alargar o front das exportações. Assim a Anib (Associação Nacional da Indústria de Biscoitos) e o Simabesp (Sindicato da Indústria de Massas Alimentícias e Biscoitos no Estado de São Paulo) estão costurando mais uma parceria com a ApexBrasil (Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos). Ainda sem data definida, ela visa a realização, em São Paulo, de uma rodada de negócios com representantes de importadoras da América Latina. Um dos articuladores da iniciativa, José dos Santos dos Reis, presidente do sindicato e vice da Anib, salienta ser a primeira vez que essas entidades se mobilizam para trazer compradores internacionais da ala de biscoitos. "Estamos propondo novas abordagens de negociação para que as exportações superem o resultado do ano passado", adianta conciso o dirigente. Pelo seu notebook, os embarques de biscoitos cresceram 24,51% em faturamento em 2008, atingindo a marca de US\$ 114 milhões apesar da mudança cambial no último trimestre. "Esperamos contar na rodada com a vinda de cerca de 30 compradores da Colômbia, Chile, Costa Rica, Equador, Panamá, Porto Rico, Venezuela, Uruguai, Paraguai, Honduras, Cuba, Nicarágua e Guatemala", alinha o porta-voz do Simabesp. Entre as empresas brasileiras confirmadas para essa iniciativa figuram C&S International (braço da Bela Vista), Cori Alimentos, Bauducco, Mabel, Selmi, Itamaraty, Faville, Shelken, General Brands e as tradings Millen (opera marcas da Marindoces, Santa Edwiges e Erlan) e Pacific (opera com Dunga e Charlotte).

Para comprovar a excelência do Brasil em qualidade e tecnologia, os dirigentes estão programando a visita dos importadores ao complexo da Bauducco em Guarulhos (SP). Reis acrescenta que, com a realização da rodada, o se-

tor estende sua cobertura a praticamente todos os continentes. O dirigente lembra que no primeiro trimestre deste ano, também com apoio da ApexBrasil, fabricantes brasileiros de biscoitos participaram de feiras internacionais como a ISM, na Alemanha, e Gulf Food, nos Emirados Árabes Unidos, além do evento Sabores do Brasil que reuniu o setor com compradores do GCC (Conselho de Cooperação do Golfo) em Dubai. Em junho, sinaliza Reis, o setor já tem agendada participação na mostra Fancy Food, de Nova York e, em agosto, segue para a mexicana Confitexpo. "A onda de pessimismo não atingiu o mercado de biscoitos", sustenta Reis. "Ao contrário, buscamos mais negócios e parceiros em novos países".

QUEDA DO TRIGO

À parte o otimismo emanado por seus dirigentes, a indústria de biscoitos tem algo concreto a comemorar. Dados saídos do forno do Ministério da Agricultura indicam que as despesas com a importação de trigo caíram no primeiro trimestre do ano. Segundo a mesma fonte, o preço médio da tonelada desembarcada no Brasil nesse período foi de US\$ 200 a tonelada (t) contra US\$ 303/t nos três primeiros meses de 2008, registrando queda de 34%. Em março último, foi aferida leve alta nos preços (US\$ 213/t), mas ainda assim o recuo foi de 32% em 12 meses. A propósito, a tonelada do trigo foi cotada a US\$ 315 em março de 2008.

As importações de trigo também

SM SIMABESP

Sindicato da Indústria de Massas Alimentícias e Biscoitos no Estado de São Paulo

acusaram menores volumes. Até março, o país trouxe 1,672 milhão de toneladas ou 860.000 a menos que nos três primeiros meses de 2008. A diferença decorre de uma situação atípica no mercado argentino: a maioria das licenças de exportação de trigo foi liberada no



início da safra, em novembro de 2007. A medida obrigou os moinhos brasileiros a concentrarem suas compras do cereal naquele período, resultando em maior volume desembarcado nos dois primeiros meses de 2008. Em março último, todavia, as importações de trigo somaram 709.199 toneladas versus 528.050 toneladas no mesmo período do ano anterior. Apesar das restrições, a Argentina seguiu como o principal fornecedor do grão ao Brasil, com 582.160 toneladas. Do Paraguai vieram 71.800 toneladas e do Uruguai, 55.200. No entanto, já se nota maior participação desses dois países como fornecedores, mordendo nacos da parcela argentina. Em março do ano passado, por sinal, as compras brasileiras de trigo paraguaio somaram 34.200 toneladas e as do grão uruguaio, 28.700 toneladas.

Pela lupa do Ministério da Agricultura, a solução para a garantia do abastecimento interno e a manutenção do preço do trigo no país será a isenção da Tarifa Externa Comum (TEC), praticada no Mercosul para importação de trigo de países extra-zona (como Canadá ou EUA) e que poderá valer a partir do segundo semestre. O Brasil enfrenta dificuldades para comprar trigo da Argentina, devido à alta do dólar e aos danos causados pela estiagem no agronegócio vizinho. Vozes do ramo sustentam ser mais vantajoso importar o insumo do que produzi-lo no país, pois o subsídio ao agricultor nacional seria muito dispendioso. Enquanto o custo da produção de uma tonelada de trigo pela Argentina fica em US\$ 100, no Brasil, ultrapassa os US\$ 200.